

**B.F. SKINNER: "ADEUS MESTRE"\***

JOSE GONÇALVES MEDEIROS

Depto. de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Campus  
Universitário, 88.049 - Florianópolis, SC.

Vai o autor, permanece a obra. Vai o mestre, fica a lição. Skinner, considerado um dos mais importantes psicólogos da atualidade e um dos teóricos mais controvertidos deste século, morreu. Aos 86 anos de idade participava ativamente de calorosas discussões teóricas sobre a teoria comportamental tanto quanto de suas implicações políticas e sociais. Deixou-nos um exemplo: a idade não é limite para a produção de conhecimento a respeito daquele que acreditamos.

O conhecimento produzido esteve voltado basicamente para o papel que o organismo (principalmente o homem) desempenha na determinação das relações de contingências. Em relação a este aspecto, o paradigma operante é bastante claro: a R (resposta) ocorre antes do E (estímulo):  $R \rightarrow E$ , evidenciando que é o organismo que primeiro "toma a iniciativa" para, logo a seguir, ser destacado o papel do

---

\*Título de um artigo de Fred S. Keller, intitulado "Good-bye teacher", discípulo de Skinner.

ambiente. Este ponto tem sido um dos aspectos mais incompreendidos da teoria e tem gerado uma gama considerável de preconceitos. A maioria das pessoas (não sō principiantes, mas também profissionais) ao se referir ao princípio operante, inverte os fatores e cita o paradigma como  $E \rightarrow R$ , além de caracterizá-lo como mecânico. Aqui a ordem dos fatores altera o produto. Inicialmente é o organismo que, com sua história passada (filogenética e ontogenética), impõe as condições para, a seguir, fazer parte das relações de determinação do ambiente. Esta simples reflexão mostra-nos o papel ativo que tem o organismo em relação ao seu meio.

Foi, a partir deste paradigma, que se desenvolveu toda a teoria comportamental. Começando com organismos mais simples, em ambientes controlados, Skinner pôde oferecer os princípios básicos de um paradigma que pudesse dar conta das relações dos organismos mais complexos em seu ambiente natural.

Os resultados derivados das análises e aplicações do paradigma tem apontado para a importância que tem o ambiente na determinação das relações comportamentais. Saindo de situações simples e controladas, Skinner engajou-se numa aventura de grande significado para o conhecimento humano. Adentrou para o campo da educação, mostrando-nos que quando não ocorre aprendizagem não é porque o aluno seja burro ou incompetente, mas sim porque o programa está mal formulado, porque o professor não está suficientemente preparado para ensinar, porque a escola não oferece as mínimas condições de aprendizagem, etc. Esta forma de ver a educação propiciou reformulações radicais nas relações em sala de aula, caminhando inclusive para um modelo em que o aluno passa a ser o centro do processo com o seu "Sistema Personalizado de Ensino (PSI)". Em **A Tecnologia do Ensino condenou o uso da punição e propôs alternativas que deveriam substituí-la mais eficientemente.**

Skinner escreveu e posicionou-se sobre diversos aspectos da vida, nunca deixando de provocar polêmicas com seus opositores e inquietações em seus seguidores. Escreveu ainda sobre governo, religião, psicoterapia, linguagem, arte e literatura. Em sua primeira obra, o **Comportamento dos Organismos** (1938) são apresentadas e discutidas suas principais contribuições no campo da teoria operante. Escreveu sua autobiografia em três volumes. Dois deles, **The Shaping of a Behaviorist** e **a Matter of Consequences** contêm informações e

## B.F. SKINNER: "ADEUS MESTRE"

discussões importantíssimas para a compreensão da trajetória da psicologia neste século. Já na velhice, preocupado com o uso do conhecimento que havia produzido, escreveu, em linguagem coloquial e sem preocupação acadêmica, o **Viva Bem a Velhice**. Mais recentemente, em **Questões Recentes na Análise Comportamental**, aborda temas abrangentes com o amor, o medo, a ansiedade, etc.

Skinner sempre reafirmou em seus escritos que o conhecimento derivado da Análise Experimental do Comportamento era a "tecnologia necessária para promover o controle do povo, pelo povo e para o povo e assim reduzir o poder centralizador do governo e da economia" (**Reflections on Behaviorism and Society**). Para ele o conceito e o uso que se faz da liberdade é usado muito mais para controlar do que para libertar. Na medida em que as pessoas acreditam que a liberdade constitui-se apenas em algo que se encontra dentro delas, provavelmente pouco farão para alterar as condições controladoras do meio social. Se algo está errado, então modifica-se as pessoas, dizem os defensores da liberdade enquanto característica do indivíduo, bem no sentido do que afirma James Holland de "culpar a vítima". A liberdade precisa ser redefinida no sentido de que ela só existirá na medida em que houver equilíbrio nas relações de controle entre os indivíduos. Paradoxalmente, quanto mais admitirmos a existência e o acesso ao controle, maior liberdade teremos para agir no meio social. Liberdade e controle se negam mutuamente: aí está a dialética em Skinner! Os procedimentos de análise operante permitem e conduzem a uma transparência das relações de controle que são exercidas sobre os organismos. Conhecendo quais são estes controles e os meios de alterá-los, poderemos modificar nossos ambientes, garantindo aos nossos pares um ambiente menos agressivo e mais equilibrado em termos de controle. A discussão sobre estes temas está contida num de seus livros mais ousados **Beyond Freedom and Dignity**, equivocadamente ou melhor, intencionalmente traduzido para o "Mito da Liberdade", quando a melhor tradução seria **Para além da Liberdade e da Dignidade** (título da versão editada em Portugal). Skinner não afirmou que a liberdade seja um mito, mas que é preciso ir **além** (beyond) desta liberdade e dignidade para compreender o homem.

Por mais paradoxal que possa parecer, Skinner sempre defendeu a noção e a existência da liberdade em sua literatura sobre o con-

trole. Não a liberdade que domestica e aliena, mas aquela que permite ao homem a sua inserção política e social nos meios de produção, através da descrição e da alteração das contingências controladoras.

#### Referências Bibliográficas

- Holland, J. (1978). Behaviorism: part of the problem or part of the solution. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 11:163-174.
- Keller, F.S. (1971). Good-bay teacher. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 4:77-78.
- Skinner, B.F. (1938). *The behavior of organism: an experimental analysis*. New York, Appleton-Century-Crofts, Inc.
- Skinner, B.F. (1967). O mito da liberdade. Rio de Janeiro, Ed. Bloch. Há também uma versão portuguesa: Para além da liberdade e da dignidade (1974). Lisboa, Edições 70.
- Skinner, B.F. (1970). *Ciência e comportamento humano*. São Paulo, Ed. da Universidade de Brasília/FUNBEC.
- Skinner, B.F. (1972). *Tecnologia do Ensino*. São Paulo, EPU/EDUSP.
- Skinner, B.F. (1974). *Sobre o behaviorismo*. São Paulo, Ed. Cultrix.
- Skinner, B.F. (1978). *Reflections on behaviorism and society*. Englewood Clifts, Prentice Hall.
- Skinner, B.F. (1979). *The shaping of a behaviorist*. New York, Knopf.
- Skinner, B.F. (1983). *Matter of consequences*. New York, Knopf.
- Skinner, B.F. (1985). *Viva bem a velhice*. São Paulo, Summus.
- Skinner, B.F. (1990). *Questões recentes na análise comportamental*. Campinas, Papirus Editora.